

## SAUSSURE E O DESENVOLVIMENTO DA SEMIÓTICA

### ENTREVISTA COM O DR. FRANÇOIS RASTIER



François Rastier (Directeur de Recherche CNRS/INALCO)

**(ASEL)** — M. Rastier, é uma honra muito grande entrevistá-lo mais uma vez e sobre uma temática que se insere dentro de um acontecimento importante para o mundo: os cem anos de Greimas. Sabemos que o Senhor foi do grupo fundador da Semiótica greimasiana, mas hoje segue uma linha diferenciada, com características de uma construção própria e, ao mesmo tempo, vinculada ao saussurianismo. O Senhor postula a importância de Saussure no desenvolvimento da Semiótica das Culturas. O que nos poderia dizer sobre esse assunto?

**(FR)** — A reflexão metodológica de Saussure constitui uma renovação epistemológica. Por um lado, toma um ponto de partida crítico com a rejeição radical de crenças e preconceitos que pululam na tradição gramatical. Isso implica uma reflexão unificada que recusa, tanto a incoerência como os compromissos ecléticos. Por outro lado, sua metodologia exclui a metafísica ingênua da referência e todas as outras considerações externas à linguagem, para fundamentar-se na descrição das próprias línguas, como se vê, por exemplo, na teoria magistral da sílaba. Em outras palavras, Saussure parece extrair de seu objeto, as línguas os próprios princípios de sua descrição. Isso, todavia, não é nem o positivismo, nem o empirismo indutivo, pois não advém de mera generalização, mas, pela a teoria dos pontos de vista combinados em dualidades, ele modifica a própria noção de objetivação. Isto pressupõe uma ruptura com a ontologia tradicional, motivo pelo qual pode ser chamada de des-ontologia. O alcance de seu gesto teórico é imenso, uma vez que está interessado no próprio estatuto da teoria (tal como a linguística e as ciências da cultura tomaram emprestado das ciências sociais, mesmo das ciências lógicas e formais). Muito se tem filosofado sobre Saussure, a ponto de transformá-lo em uma espécie de filósofo da linguagem, sem admitir,

absolutamente, que a filosofia da linguagem se tornou uma filosofia das línguas, tal como elas são objetivadas na linguística e, portanto, uma filosofia da linguística. Além disso, seu gesto teórico transcende às línguas para interessar-se por todo o conjunto de sistemas de signos, de tal modo que o próprio projeto de semiótica dele decorre e torna-se necessário. Esta não é uma definição de novos campos (todos os tipos de semiótica particular existiam há muito tempo), mas sua consideração sob um ponto de vista unificado. É por isso que se pode afirmar que a semiótica é ora como uma disciplina, ora como um organismo para o conjunto das ciências da cultura, embora essas duas definições não se contradigam ainda. Por uma benigna ilusão retrospectiva, pode-se, de outro lado, ver no projeto saussuriano, uma epistemologia programática, mas Saussure não tem nada de profeta e permanece agente de uma mudança radical mais do que de um “programa” detalhado em boa e devida forma. Ele não previu, nem convidou as várias correntes que o reivindicam, inclusive o neo-saussuriano de nossos dias e, talvez, seria severo a esse respeito. Nada disso importa; após um século, a fecundidade de seus princípios dissidentes permanece intacta e merece ser melhor explorada.

**(ASEL)** — Poderíamos dizer que a semiótica de inspiração linguística e a filosofia da linguagem têm objetos iguais?

**(FR)** — Como as outras ciências da cultura, a linguística e sua seguidora a semiótica (embora ela seja uma disciplina legitimamente instituída e constituída) singularizam-se por sua metodologia histórica e comparativa. Seu objeto pode parecer análogo ou mesmo idêntico àquele da filosofia da linguagem, mas seu objetivo é radicalmente diferente. A filosofia da linguagem, de tradição escolástica (Peirce, por exemplo, prolonga Duns Scot, Eco deve muito a Tomás de Aquino, ao qual consagrou sua tese etc.), sempre pesquisou os universais do pensamento, acima da diferença das línguas. A linguística cognitiva continuou este programa e, por exemplo, a *Lingua Mentalis* de Wierzbicka ou a *Language of Thought* de Fodor retomam a *Lingua Mentalis* de Occam. De forma diferente, a linguística – e a semiótica de corrente saussuriana – tomam por objeto a diversidade das línguas e dos outros sistemas de signos. Ao mesmo tempo, elas adotam uma perspectiva diferencial e seu método comparativo pode determinar regularidades gerais sem colocar, absolutamente, regras universais. A única universalidade permanece então aquela dos universais de método: a linguística nascente

definiu assim, no final do séc. XVIII, os conceitos radicalmente novos de fonema e de morfema para poder comparar as línguas com o sucesso que conhecemos.

Enquanto a semiótica não tiver esclarecido este ponto, ela continuará a ser uma filosofia de sinais, certamente estimulante, mas não é uma ciência suscetível de produzir novos observáveis e refutar hipóteses, mesmo que elas sejam atraentes.

(ASEL) Os estudos atuais costumam apontar três tendências de estudos semióticos que caminham como se fossem separadas: a peirceana, a greimaseana e a russa, motivada pelos estudos da escola de Tartu. Pode-se dizer que são metodologias diversas para uma única ciência?

(FR) A meu ver, a questão esclarece dificuldades passadas, ou até mesmo presentes. Desde a formação da *Associação Internacional de Semiótica*, em 1969, duas tendências viveram juntas como puderam: o fluxo de inspiração lógica e filosófica (o que recomenda, em particular, Peirce) e o poder da inspiração linguística (o que é recomendado por Saussure, mas também por Hjelmslev e até mesmo por Benveniste). Não é para traçar a história das *guerras picocolinas* que têm impedido o crescimento da disciplina e a sua implementação acadêmica, mas temos de examinar as suas razões subjacentes: nenhuma das duas correntes tem realmente levado a sério as ambições científicas dos seus promotores, quer no campo das ciências lógico-formais (segundo Peirce), ou das ciências da cultura (segundo Saussure). Apesar das iniciativas meritórias que permaneceram isoladas, nenhuma das duas correntes desenvolveu ainda um projeto coerente, de metodologias comprovadas ou de critérios de validação reconhecidos. Frequentemente, a tendência é permanecer em uma fase de comentário dos autores, quando não se estar seguindo o discurso de acompanhamento das mídias e dos produtos diversos das indústrias de divertimento. Isto não é muito difícil e responde a uma demanda social, mas constitui um esforço voltado para o reconhecimento daquilo que já é conhecido. A semiótica permanece, assim, à margem, uma margem acolhedora e algumas vezes confinada sem que seus trabalhos possam ser retomados, ou mesmo reelaborados em disciplinas vizinhas. A escola de Tartu constitui, tão somente, um dos aspectos da semiótica russa que se desenvolve, notadamente, até o presente, como uma culturologia indentitária, não sem relação com a evolução ideológica do regime. Ela não constitui um paradigma geral com o mesmo título da semiótica histórica e comparada (associada ao nome de Saussure) ou da semiótica lógica, reivindicada por Peirce. Ela se encontra associada, muitas vezes, a pesquisas literárias (Lótman é um especialista em literatura) e a concepções não antropológicas da cultura. Por exemplo, na semiosfera,

Lótman compara a evolução do signo aos movimentos da larva no seio do globo terrestre, transportando-se, assim, ao cosmismo de Vernadsky. Em suma, a semiótica na Rússia como em outros países, permanece dividida em várias correntes.

**(ASEL)** — Os "modelos semióticos", principalmente, na tradição greimasiana, o "quadrado semiótico" e a estrutura narrativa fundamental são universais?

**(FR)** — Os neogramáticos — como hoje em dia os gerativistas que os sucederam — viram "leis linguísticas" à imagem das leis físicas. É precisamente isso que Saussure rejeita. Os modelos semióticos são concretizações lógicas, ou mesmo meras representações gráficas de tais leis fundamentais (nas quais, vimos princípios cognitivos, até mesmo morfologias matemáticas ainda mais gerais que justificariam uma "naturalização" da semiótica). Nesta hipótese, seria legítimo reencontrá-los ou até mesmo projetá-los em todos os lugares, uma vez que leis dessa natureza devem seu brilho à onipresença de suas verificações. A questão permanece em aberto e eu defendo, com prazer, uma atitude prudente: as ciências da cultura são históricas e comparativas, elas podem reivindicar a generalidade sem elevar a universais as regularidades que objetivam. Além disso, não se pode concluir do geral ao universal, especialmente porque as culturas são desigualmente documentadas e o etnocentrismo não desapareceu.

**(ASEL)** — No Brasil, costuma-se, ora considerar Semiologia e Semiótica como palavras sinônimas, ora fazer-se uma diferença entre ambas, especificando, para a Semiologia o estudo do signo linguístico. Qual a sua opinião sobre o assunto?

**(FR)** — Para definir a semiologia, em primeiro lugar, faz-se referência ao parágrafo do Curso de linguística geral dedicado a ele. No entanto, se considerarmos as fontes de autógrafos e as notas do aluno, constata-se que os editores do Curso mantiveram e, de fato, impuseram à semiologia uma concepção restrita que a torna uma ciência dos sistemas de sinais, o que permanece compatível com a concepção gramatical da língua como sistema. Esta concepção prevaleceu largamente e as apresentações, em semiologia, facilmente listam esses sistemas (jogos, uniformes, sinalização rodoviária, etc.). Essa concepção aditiva da semiologia remete, fortemente, ao *Tractatus de signis* e a outros tratados que se sucederam ao longo dos séculos até Peirce. No entanto, a ambição da linguística histórica e comparativa vai além da descrição dos sistemas gramaticais, pois contribui para o projeto de uma antropologia geral, da qual Humboldt delineou os contornos. Refletindo sobre a relação entre os dois polos da dualidade, entre

o social e o individual, Saussure enfatiza que todos os sistemas de sinais são instituições: a língua é uma e, além disso, única em seu gênero, a escrita é outra, etc<sup>1</sup>. Como a dimensão social predomina em última instância, os diferentes sistemas de signos só podem ser entendidos na relação com as sociedades que os instituem. É, portanto, ao projeto de uma antropologia - não mais filosófica, mas histórica e comparativa - que devemos relacionar a semiologia. Ela deriva, de fato, do programa humboldtiano que Saussure radicaliza e com ele concorda quando disse que apenas o aspecto quase etnográfico das línguas tinha algum interesse para ele. Ele denunciou, obliquamente, a problemática dos neogramáticos que mantiveram um estudo "interno" de línguas, prefigurando a este respeito os chomskianos de hoje. A dualidade entre as duas concepções da semiótica, a restrita e a estendida, está relacionada com a própria estrutura do signo como um objeto cultural e é expressa na divisão entre o conteúdo e a expressão. Como o significado do signo está na dependência do sentido textual, seu conteúdo só pode ser completamente determinado pelo alcance desse sentido. Ao mesmo tempo, a semiótica como descrição dos sistemas de signos depende da descrição das instituições sociais que os constituem. Além disso, eles não as refletem, porque são parte delas.

## Referências

- De Angelis R. 2017. Sémiologie(s), in Claire Forel, Thomas Robert (dir.) *Saussure. Une source d'inspiration intacte*. Genève : Métis Presses, pp. 205-227.
- Greimas, A. 1956. *Le français moderne*, 1956, n°24, p. 191-203.
- Greimas, A. 1966. *Sémantique structurale*. Paris : Hachette.
- Rastier, F. 1971. Les niveaux d'ambiguïté des structures narratives. *Semiotica* 3(4). 289-342.
- Rastier, F. 1997 [1989]. *Meaning and textuality*, Paul Perron & Frank Collins (trans.) Toronto : University of Toronto Press.
- Rastier, F., et al. 2002. *Semantics for descriptions*. Chicago: Chicago University Press.
- Rastier, F. 2015. Interpretative semantics. In Nick Riemer (ed.), *Routledge handbook of semantics*, 491-506.

---

<sup>1</sup> Sobre tudo isso, veja a síntese de De Angelis (2017) que insiste, com razão, na discordância entre o CLG e as fontes autográficas, a fim de distinguir, precisamente, duas concepções de semiologia.

Sowa, J. 1984. *Conceptual structures: Information processing in mind and machine*.  
Boston: Addison-Wesley.